

Dia 15 de setembro

Nossa Senhora
das Dores . . .

Quando Jesus morreu, o Coração da Virgem Dolorosa partiu-se de dor. A soledade de Maria... um oceano de angústia, quando os seus braços deixaram o corpo exangue do Filho para entregá-lo aos braços da morte, e ao regaço frio do sepulcro.

Nós Vos agradecemos, ó Mãe dolorosa, as vossas lágrimas, que nos trouxeram salvação, conforto e esperança.



VATICANO — Rosto da "Pietà", de Miguel Angelo

ANO LX

SÃO PAULO, 14 - IX - 1958

NÚMERO 34

ave
maria

Uma Rainha Incomparável

(Recordando o 7 de Setembro...)

Esconde-se em todos os gestos de liberdade uma atitude de entrega.

A libertação é uma mudança de senhoria, uma troca de vassalagens.

Ainda quando há a ilusão de um total desvencilhamento de algêmas físicas, de vínculos sociais, de censuras e leis, quem se alforria escraviza-se a si mesmo.

O que não obedece a ninguém, encadeia-se aos próprios instintos.

A ruína de senhores e amores é a vitória escravizante do amor próprio.

* * *

Também as nações e povos, sociedade e famílias, ciosos de autonomia, trocam apenas as corôas e domínios, quando se emancipam.

Quão triste verificar que povos inteiros, na falaz ilusão de impossíveis libertações em face da Lei de Deus e dos direitos das outras nações, se entregam, súditos desventurados à dominação de Satanás!

E o preço de sua falsa liberdade é o tributo ao ódio, ao feticídio, à mentira, — frutos amaldiçoados do serviço acorrentado ao mais desalmado dos tiranos.

* * *

Nossa Pátria escolheu um dia, como nós escolhemos sempre.

Libertamo-nos de terrenas tutelas, no grito que foi uma espada a cortar amarras e solver grilhões.

Fizemo-nos independentes.

Ora, o Príncipe Libertador, mensageiro de Deus, antes do gesto de alforria, elegera já outra Soberana.

Passara pelo pôrto de Itaguassú onde já se lançava a semente do Palácio Real da Rainha.

Nossa Senhora Aparecida era já enaltecida ali, havia mais de cem anos.

E o Príncipe se ajoelhou, numa promessa

formosa: haveria de consagrar o Brasil à Nossa Senhora Aparecida.

A Independência era para a entrega.

Livre dos homens, escravo da Senhora.

Uma inspirada e feliz troca de senhores.

E o monte da — Independência ou Morte, foi a ratificação de um destino alcandorado.

Porque o Brasil queria depender só de sua Rainha para a vida batizada e gloriosa de seus novos destinos.

* * *

Muitas solenidades repetiram a Consagração.

Em tôdas as igrejas, nas famílias, nas paróquias.

Sobretudo, na Terra da Rainha, na curva predestinada de um vale que se enflora de hinos e corações, nas sinuosidades prateadas de um rio que é um rosário de preces.

Soberana Jurada, Ela tem recebido, gerações a gerações, as entregas felizes dos vassallos brasileiros, libertados e altivos, homens que são filhos escravizados a seu amor.

A Rainha do Brasil é amabilíssima.

A cada um de seus filhos vassallos, a tôdas as famílias, à nossa grande Pátria, Ela tem demonstrado seu amor vigilante que nos esclarece e orienta, que conforta e reafervora os peregrinos, que assegura os laços santos do matrimônio, que salvaguarda a liberdade do Brasil.

Sobretudo ante as investidas do comunismo ateu, em horas de sobressaltos armados, as investidas parlamentares, Ela nos há tutelado com segurança.

* * *

Seremos seus súditos.

No fervor de nossa Consagração, haveremos de dizer-lhe que cada um de nós quer ser livre para poder ser seu escravo, e que nossa Pátria se emancipou para entregar-se sempre ao doce império de mais amável, da mais querida, entre tôdas as Rainhas.

ESCREVEU

Antonio Maria Alves de Liguori
Chc. Coedy

À MARGEM DO EVANGELHO

FESTA DA EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ

As primeiras palavras de Nosso Senhor soam como duas contradições a nossos ouvidos humanos.

Afirma Jesus que é chegado o momento de ser julgado condenatoriamente o mundo e que seu dominador, o demônio, será lançado fora.

Quem, naturalmente, vai condenar o mundo e expulsar seu príncipe é o mesmo Jesus. No entanto, para que isso se realize, Nosso Senhor prenuncia a sua morte. Ele é que será lançado fora de Jerusalém e fora do mundo pela porta angustiosa da morte.

Depois, Jesus nos garante que se tornará o imã irresistível de todos os corações. Quando? Quando for levantado da terra. Ora, esta expressão, explica o Evangelista, significa que Jesus iria morrer no suplício da cruz, suplício brutal reservado aos criminosos mais vis, pena de morte amplamente abominada. A multidão, que escutava o Mestre, entendeu perfeitamente a sua linguagem. Devia ser expressão corrente. Tanto que se admirou e lhe objetou que, estando acostumada a ouvir dos Livros Sagrados que Cristo permaneceria para sempre, como Jesus pretendia ser o Cristo e anunciava para breve sua morte? E que morte!

E' claro. Se Jesus fôsse unicamente Homem, teria prometido coisas contraditórias, que se repelem mutuamente. Vencer quando é vencido. Atrair quando se torna objeto de repulsa.

Mas Jesus é também verdadeiro Deus. E Deus não se dirige pelos estreitos caminhos do homem. Ele é o senhor absoluto de tudo. Convém mesmo que assim o faça, porque assim prova aos homens que é a mão divina que age, que dispõe, que determina.

Em primeiro lugar, Cristo, morrendo, venceu, e, expulso, expulsou, porque a batalha não se feriu no mundo sensível, mas no mundo espiritual, onde enxergamos tanto como olhos arregalados num quarto escuro. Com sua Paixão e Morte Nosso Senhor Jesus Cristo satisfaz a Justiça de Deus ultrajada pelo pecado humano, escancarou-nos as portas do Céu, grangeou-nos a profusão das graças sobrena-

(S. João, 12, 31-46)

Naquele tempo, disse Jesus às turbas dos judeus:

“Agora é o juízo deste mundo; agora será lançado fora o príncipe deste mundo. E eu, se for levantado da terra, atrairei tudo a mim”. (Dizia, porém, isto, significando de que morte havia de morrer).

A multidão lhe respondeu: — “Nós temos ouvido da lei que o Cristo permanece para sempre; e como dizeis tu: Importa que o Filho do homem seja levantado? Quem é esse Filho do homem?”

Jesus, pois, respondeu-lhes: — “Ainda por pouco tempo a luz está entre vós. Andai enquanto tendes a luz, para que as trevas não vos apanhem; e quem caminhar nas trevas, não sabe para onde vai. Enquanto tendes a luz, crede na luz, para que sejais filhos da luz”.

turais. O demônio perdeu a entrada fácil neste mundo, que obteve desde que Eva lhe prestou atenção. Que de vêzes patenteou Cristo o seu império sobre os covardes anjos decaídos!

E quando pendeu das traves em cruz, sem a graça que a vida espalha pelo corpo, desfigurado ainda pelos suplícios sucessivos a ponto de Isaias antevê-lo como um verme e não como um homem, cumpriu Jesus sua promessa de atração? Mártir algum comoveu tanto a sensibilidade dos homens. Contemos, se possível, os santos que viveram aos pés do Crucificado. Contemos, se possível, os que buscaram a semelhança do martírio.

A humanidade multiplicou como nunca em todos os tamanhos e feitios o crucifixo, porque não pode passar sem lhe volver os olhos.

Pe. ATHOS LUÍS CUNHA, C.M.F.

Diretrizes Pastorais (III)

DOM FREI HENRIQUE G. TRINDADE
Arcebispo de Botucatu

A HIERARQUIA

A missão da hierarquia

“Assim como meu pai me enviou, também eu vos envio a vós. Recebei o Espírito Santo” (Jo 20, 21). O Pai enviou o Filho para redimir o mundo, salvar e santificar as almas. Esta é a missão daqueles que o Filho envia, pelo mundo universo; esta a missão da hierarquia, apóstolos e discípulos, bispos e sacerdotes. Nenhum outro trabalho ou atividade por importante que pareça, a pode substituir. Auxiliá-la, sim. Que os fiéis os ajudem em sua missão única, sublime e difícilíssima.

Ouvir a hierarquia

“Quem vos ouve a mim ouve” (Lc 10, 16). É a grande obrigação dos católicos, ouvir a voz da hierarquia. Ouvi-la e recebê-la e transformá-la em atos.

A Voz do Papa

Qual a vossa atitude, sacerdotes e fiéis, ao ouvir as modestas mas sinceras e oportunas pastorais do vosso bispo? Há, certamente de vossa parte, desejo sincero de colaboração. Mas, por exemplo, como recebestes a pastoral sobre a “Santificação do Dia do Senhor”? Qual foi a vossa resposta? de vossa família, e dos que vos rodeiam? Mas não somos católicos? Que conta daremos a Deus?!

E que mudança se operaria, se houvesse, cada vez mais, esse espírito — que, feliz, reconhecemos em tantos e em tanta parte — espírito de respeito, de atenção, de obediência e de colaboração! Afinal, não é o bispo o responsável por toda a sua diocese? E todos os que trabalham, quer párocos, quer seus auxiliares, quer professores, escritores ou conferencistas, confessores e pregadores também religiosos, quer leigos da Ação Católica ou associações afins, não trabalham todos por delegação ou permissão ou encorajamento do bispo? E pode haver diocese, sem hierarquia que ordene, e sem clero e sem fiéis que obedeam? A diocese somos nós, a diocese são as almas que nos foram confiadas.

A responsabilidade da hierarquia

A diocese, portanto — digamolo mais uma vez — depende de nós todos, clero e fiéis. Mas sabemos que é a hierarquia a suprema responsável. Nós, portanto, ou culpados, ou verdadeiros seguidores de Cristo. O mundo nunca olhou tanto para o clero, com bons ou maus olhos, como agora. Uns esperam confiantes, do clero, a salvação e a vitória da Igreja. Outros, satisfeitos na sua ânsia de destruição, esperam do próprio clero a aniquilação da Igreja; por isso, o caluniam, procuram corrompê-lo, o ridicularizam, o elogiam quando ele se mostra “moderno e esclarecido”, como dizem, querendo dizer outra coisa, e o desprezam ostensivamente. Mas uns e outros se esquecem de que, se do clero nos pode vir o bem ou o mal, é só de Cristo Jesus e dos que o seguem verdadeiramente, clero e laicato, que devemos esperar a perenidade da Igreja e a sua vitória final.

Entretanto, não podemos nos esquecer de que para muitos a Igreja vale o que vale o seu clero e, infelizmente, não lhes podemos negar toda a razão. Que responsabilidade a nossa, caríssimos sacerdotes do Senhor!

O grande pedido

Por isso, talvez dizia um venerando prelado, queixando-se, com graça, do tamanho da oração “Deus e Senhor nosso, protejei a vossa Igreja”, que ela estaria perfeita, se terminasse com o pedido inicial “dai-nos, Senhor, santos pastores e dignos ministros”. Realmente é a hierarquia, somos nós, bispo e sacerdotes, os responsáveis, em grande parte, por tudo o mais que pede a bela oração, de nossas bênçãos eucarísticas.

Com estes pensamentos de responsabilidade tremenda e de esperança firme em Jesus Cristo, celebremos o nosso Cinquentenário, com o desejo de acertar.

Mas, sobretudo, rezemos, muito, no espírito do “Sábado dos Sacerdotes” para que a hierarquia católica, ilumine e convença pelo exemplo, pela palavra, pela ação e pela oração.

Pede o Papa um trabalho coordenado de apostolado leigo

ROMA (NC) — Sua Santidade o Papa Pio XII pediu aos dirigentes da Ação Católica Italiana que procurem uma solução coordenada para os muitos problemas do “amplo apostolado leigo”.

A mensagem pontifícia, assinada pelo secretário substituto de Estado de Sua Santidade, Mons. Angel Dell’Acqua, foi lida na sessão de abertura da Assembléia conjunta de três dias, aqui realizada pelos presidentes diocesanos e os delegados episcopais da AC.

Após elogiar os planos da organização leiga para o próximo ano, o Santo Padre prevê abundantes frutos desse programa, “sujeito à obediência perfeita à Santa Sé”, e alentado pela vida espiritual dos membros da AC. O Soberano Pontífice urgiu também com os dirigentes para que “perseverem na oração, na ação e no sacrifício”, meio seguro de aumentar a eficácia da organização.

O Dr. Luigi Gedda, presidente nacional da ACI, salientou em seu discurso aos delegados, que a Igreja passou à ofensiva no curso das últimas décadas e que a AC representa uma vocação militante inspirada nos ensinamentos pontifícios.

Falou também sobre a preocupação da Igreja pelos que se separaram do seu seio, referindo-se então ao resultado das últimas eleições nacionais italianas quando os comunistas conseguiram manter parte considerável de votos populares.

“O resultado eleitoral — disse —, documenta com números precisos a gravidade do mal espiritual que sofre nosso povo, e o perigo marxista”.

A Ação Católica é, pois, absolutamente necessária, continuou. “Seus militantes devem estar dispostos a realizar um grande programa de apostolado”.

O tema geral da reunião girou em torno da liturgia como fonte de energia para a Ação Católica. Vários oradores consideraram a situação religiosa na Itália, tanto no plano paroquial como no diocesano. Outro tema desenvolvido foi o do “estímulo às práticas cristãs no mundo do trabalho”.

● Os pais que desprezam a educação dos filhos são piores do que assassinos; aqueles matam a alma, ao passo que estes só matam o corpo. No primeiro caso, a morte é eterna e podemos escapar a ela, e

no segundo, a morte é instantânea e todos havemos de morrer um dia (São Crisóstomo).

● Os pais devem falar muitas vezes de Deus aos filhos, e a Deus dos filhos! (São Francisco de Sales).

Uma atração

no Rio . . .

Sim, uma atração, sobretudo para a criançada. Além do Museu, Parque de diversões, a "Quinta da Boa Vista" — antiga residência da família imperial brasileira, tem um lindo jardim Zoológico. A petizada, com sua imaginação rica e vivas fantasias, já teceu toda uma história em torno às ilustres personagens do Zoológico. Os clichês anexos nos mostram alguns dos personagens mais visitados do Zoológico da "Quinta da Boa Vista". Mais de 60.000 pessoas visitam mensalmente o jardim, sem contar a petizada.

Uma estatística — No Jardim há 1221 animais, num valor de 30

milhões de cruzeiros; 224 mamíferos, 773 aves e 224 reptis e anfíbios. Os inquilinos do Jardim consomem, por dia, 130 quilos de carne, 15 ks. de peixe e 6 de alpiste, numa despesa diária de 16 mil cruzeiros.

Fama e popularidade — Sim, alguns moradores do Zoológico gozam de muita popularidade entre a gurizada. Quem já não ouviu falar do rinoceronte "Cacareco"? A girafa, quando chegou, foi agraciada com a inspiração de um poeta e de um músico, que lhe dedicaram a canção: "o passo da girafa".



MINÚCIAS ANOTADAS PELOS FANS:

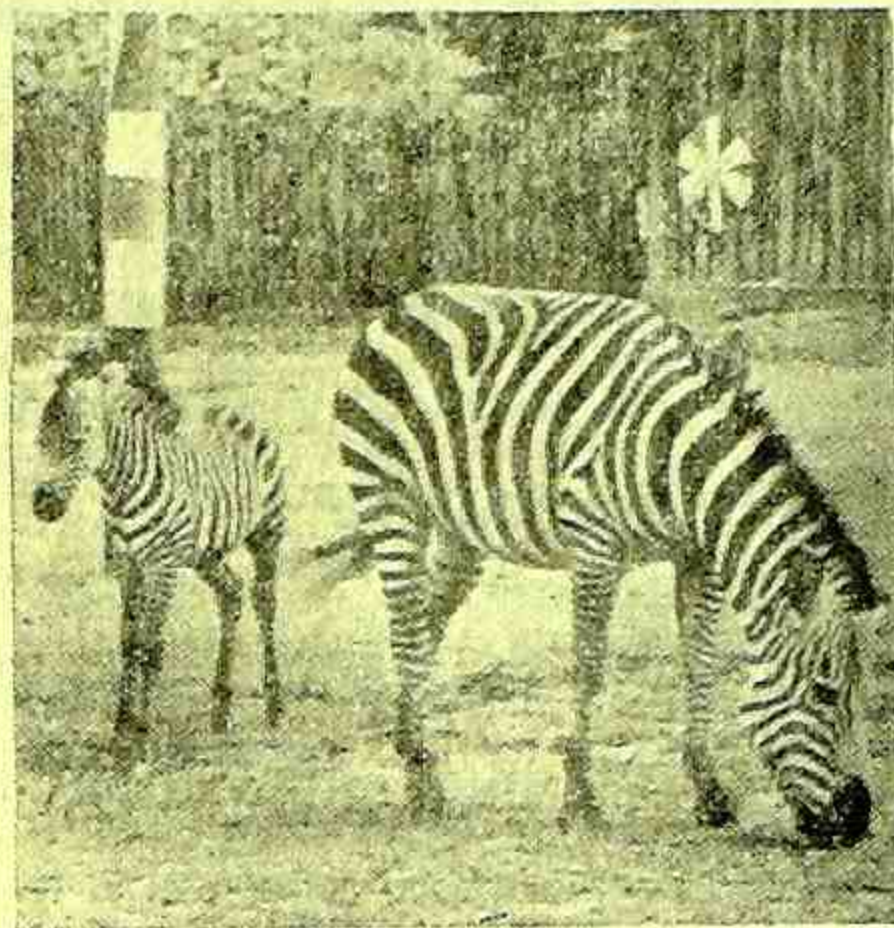
Os que comem menos: — os pássaros, em geral.

Os mais caros: os orangotangos (o casal custou Cr\$ 700.000).

O mais feio: a coruja. É opinião geral.

Os que vieram de mais longe: Emu, casoar, cacatua (vieram da Austrália e Nova Guiné).

O mais pesado: o elefante, com 3.000 quilos, consumidor de 150



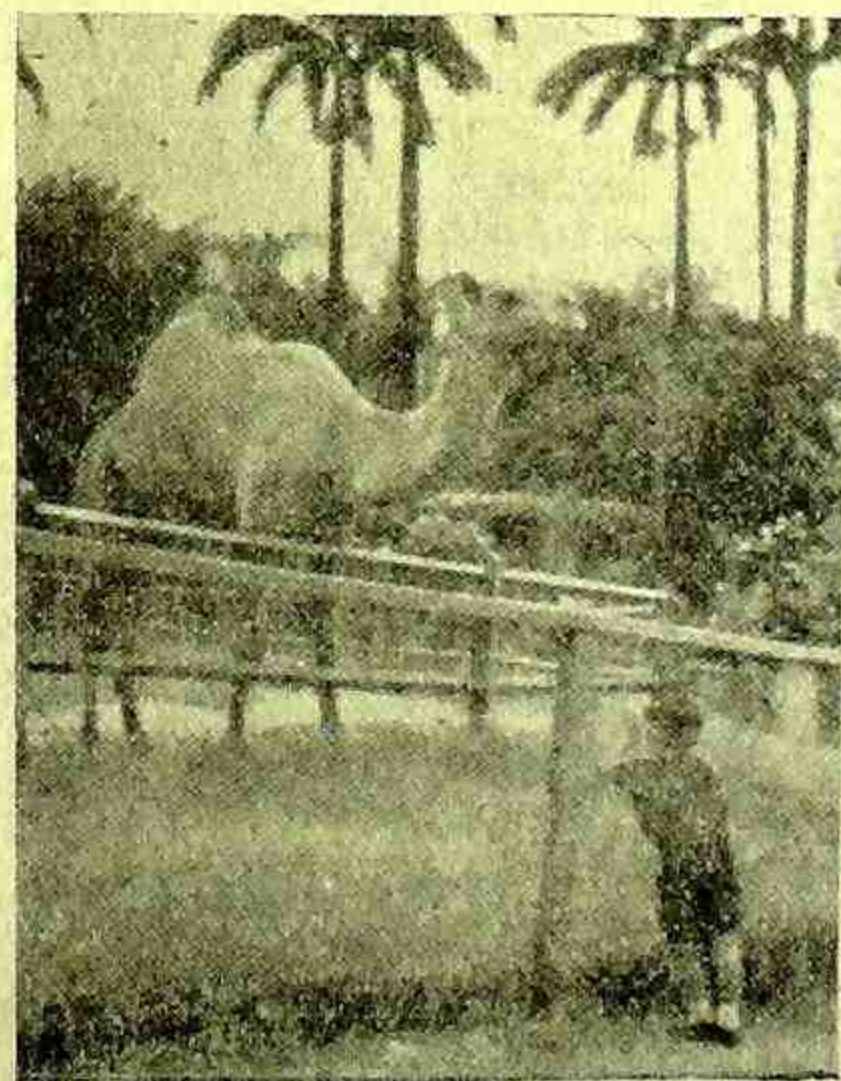
quilos de alimentos — capim, farelo, alfafa, por dia.

O que deu mais trabalho: o hipopótamo, porque engoliu uma bola jogada por um petiz.

O mais parrochento: Brádipo, o bicho preguiça, com seus movimentos em câmara lenta.

O maior roncador: o hipopótamo (quando dorme).

Os mais coloridos: as araras, faisões, papagaios, etc.





Conversa em família

escreveu **THÔ FRÔ**

O Divórcio e o Sacramento

E a longa prosa com o meu farmacêutico Zé Chicote terminou justamente assim:

— “Eu jurava que não era dêsse jeito”, dizia êle, repetidas vêzes, com os sobrecenhos carregados, numa fisionomia de reflexões novas.

E o degas aqui insistindo:

— “Pois Zé, eu juro ainda que é assim mesmo. O que faz o casamento indissolúvel não é o fato de êle ser sacramento; é sua mesma natureza de casamento”.

Os “até logos” com as respectivas palmadinhas nas costas puseram o ponto final na conversa comprida como visita de gente chata... E eu vim sozinho com minha bengala, pelos buracos e pela poeira das ruas de minha terra pensando com os meus botões:

— “Por que será que essa gente não compreende isso que o matrimônio é indissolúvel por si mesmo?”

* * *

Pensando bem a coisa não é fácil de entender.

O matrimônio tem um determinado objetivo, um determinado fim que a própria natureza lhe deu: criar e educar filhos.

Tudo aquilo que vai contra êsse escopo do casamento vai contra a sua natureza, vai contra o matrimônio mesmo.

Um automóvel tem um determinado fim: andar pelas estradas. Se você o mete dentro da água pretendendo que êle deslize como uma lancha, você está desvirtuando as finalidades da máquina.

Liquidificador foi feito com um objetivo: fazer banana virar caldinho. Se você em vez de usá-lo para êsse fim começa a querer lavar roupa dentro dêle, você acaba estragando o liquidificador.

Dónde não é preciso que o amigo seja doutor “honoris causa” de nenhuma Universidade para entender que usar alguma coisa para outro fim do que aquêle para o qual a natureza a fêz é ir contra, é estragar essa coisa. Passem essas considerações para o matrimônio: a natureza o fêz para criar e educar filhos.

Seja qual fôr o matrimônio, êle é para isso. Se fôr matrimônio de católicos, com sacramento e tudo, é para criar e educar filhos católicos. Se fôr de protestantes, é educar filhos; se fôr de pagãos, é para

educar filhos. Se fôr de russos é para educar filhos.

Porque não foi nem o catolicismo, nem o protestantismo, nem o budismo, nem o Kruchev que inventou o casamento. O casamento foi inventado por quem inventou os dois sexos capazes de criar e educar filhos; a natureza, Deus.

* * *

E o divórcio tem alguma coisa a ver com isso?

Pensando bem, não têm que ver com, mas têm que ver contra.

O divórcio impede criar e educar filhos. Logo, o divórcio impede os objetivos para que serve o matrimônio; impede que o casamento alcance aquilo para o que a natureza o fêz. Estraga o matrimônio.

Com possibilidade de divórcio, ninguém quer ter filhos: porque é chato ficar com êles ou abandoná-los em caso de separação. E como se deve evitar tudo o que é chato, evita-se ter filhos.

E se vierem alguns filhos por descuido?...

Não poderão ser educados onde houver divórcio. Criança não se educa com um homem que não é seu pai ou mulher que não é sua mãe.

Criança não se educa com o espetáculo de dois seres que lhe deram a vida, vivendo separados um do outro por ódios e rancores crescentes. Criança não se educa dizendo:

— “Seu pai é aquêle lá, que está vivendo agora com aquela loira. Sua mãe agora está morando com aquêle homem de cabelos grisalhos que vivia com dona Fofoca, lembra?”...

Criança não se educa em regime de divórcio.

* * *

Diante disto e depois disto, para usar uma expressão do grande Rui Barbosa e outros grandes: “Que concluimos?”

O divórcio é contra o casamento porque é contra a sua natureza. Não serve para católicos. Não serve para protestantes. Não serve para pagãos. Não serve para gente nenhuma.

PRECAUÇÕES

Frei BENVINDO DESTÉFANI, Ofm.

A mitologia gréga e romana falam muito das sereias, entes misteriosos e sedutores, metade mulheres, metade peixe. Essas sereias lendárias habitam rochedos escarpados da famosa ilha de Capri, mar Tirreno, no Golfo de Nápoles. Com a doçura de suas melodias, atraíam os navegantes para cima dos rochedos e dos escolhos. Atarantados pelos encantos e pelas canções feiticeiras, as vítimas incautas eram depois sacrificadas pelas sereias, que viviam traiçoeiramente ocultas nas rochas.

Continuam as lendas narrando que Ulisses, herói da antiga Grécia, em uma de suas viagens aventurei-

ras, teve que passar com seu navio nas imediações da fatídica ilha das sereias. Para não ser cativado e seduzido pelos cânticos perigosos das sereias, o célebre Ulisses tampou com cêra os ouvidos e se fêz amarrar com grossas cordas ao mastro da nau. Assim, os ouvidos cheios de cêra, o corpo amarrado com fortes cabos à embarcação, Ulisses conseguiu passar nas vizinhanças das pérfidas e aleivosas sereias, sem perder sua integridade.

O legendário Ulisses tomou PRECAUÇÕES drásticas, medidas enérgicas e severas para não cair nas garras das truculentas sereias emboscadas em penedias.

Justos céus! Que lição tremendamente salutar oferece Ulisses aos homens modernos em face das monstruosas sereias hodiernas de que está repleto o mundo! A fuga destas sereias modernas, a exemplo de Ulisses, NÃO É COVARDIA, mas necessária precaução!

NASCEU UM MENINO...

Em Sallent, Espanha, no lar abençoado de João Claret e Josefa Clará, a 23 de dezembro de 1807, nasceu um menino que no dia de Natal foi batizado com o nome de Antônio.

De ano em ano, quando se renovam as alegrias do Natal, celebra-se também o nascimento para a vida da graça do menino Antônio, que mais tarde acrescentará ao próprio nome, o de Maria.

Os pais de Antônio eram cristãos fervorosos que diariamente ouviam a santa Missa, não permitindo que os filhos a omitssem, nem mesmo nos dias de semana. Nos dias festivos, ouviam duas, uma rezada e uma cantada, assistindo a esta tóda a família incorporada.

A oração da manhã e da noite assim como também a de antes das refeições, era sempre feita com grande devoção por tóda a família.

Durante o dia e ao anoitecer rezava-se o Rosário completo de Nossa Senhora, tomando parte nessa piedosa devoção também os operários e operárias que trabalhavam na pequena fábrica de tecidos de João Claret, situada no andar térreo da residência patriarcal do abençoado casal enriquecido por Deus com 11 filhos. Entre eles o mais ilustre é o menino nascido no dia 23 de dezembro de 1807 e batizado no dia do Natal: Antônio Maria Claret. Será operário, estreiará como industrial, será seminarista, sacerdote, educador, escritor, propagandista das boas leituras taumaturgo, sacerdote vivo, apóstolo do Rosário, confessor e conselheiro da rainha, Padre do Concílio Vaticano, Santo.

Dom Geraldo Fernandes, C.M.F.
Bispo de Londrina

O CASACO NO AVÊSSO

O famoso pe. Benson era motivo de deboche por parte dos seus antigos correligionários, os protestantes anglicanos da Inglaterra, que o apelidavam de "vira casaco", pois ele deixara o anglicanismo para fazer-se católico. Certo dia, já meio enfasiado, respondeu-lhes, com a habitual calma inglesa: "Meus amigos, eu não sou "vira casaco"; o que aconteceu foi que eu levava o meu casaco no avêssio, e não fiz mais do que tirá-lo e colocá-lo do lado direito, a fim de não continuar mais representando uma palhaçada".



SOROCABA — Da. Idaty Madureira.

C. DA CACHOEIRA — Da. Teodolinda E. Vilela

LAVRAS — Da. Dalva Gomide

SALTO — Sr. Exedito Camargo

JUNDIAI — Sr. José Berto

ITATIBA — Da. Luiza M. Berto

Da. Maria H. Oliveira

Da. Maria L. Berto

BOTUCATU — Da. Maria C. Silva

AMERICANA — Sr. Antônio A. Oliveira

PINHAL — Da. Anunciata Martorano

Sr. Francisco G. Oliveira

RIO CASCA — Da. Marita P. Vieira

ARARAS — Da. Lourdes Brandt

Da. Josefina de Ângeli

Da. Assunta Pese

Da. Maria I. Jardim

Da. Natalina Oliveira

Uma Devota

PIRASSUNUNGA — Da. Lídia Sales

Da. Maria P. Balbe

Da. Joana Belilaqua

Da. Vilma Beraldi

Da. Alcina Pozobon

Da. Angela Milare

Sr. João B. Balbe

PÓRTO FERREIRA — Da. Aparecida L. de Sousa

JABOTICABAL — Sr. João A. Martins

Da. Izabel Franito

Da. Marina Guimarães

Sr. Adenir Mazza

Sr. Pedro A. Filardi

RIO PARDO — Da. Vitória Rios

Da. Cristina P. Anderson

Da. Maria O. Guimarães

Da. Maria O. Carvalho

Sr. Antônio A. Bertoncini

Da. Maria F. Nelly

Da. Fortunata Scantambulo

Da. Benedita Camilo

PALMITAL — Da. Pedrina Dias

Mazzeto

Da. Alexandrina Boschetti

CÂNDIDO MOTA — Da. Vilma C. Martins

Da. Ernestina Sousa

Sr. Mariano R. Lima

Sr. João B. Sampaio

BOCAINA — Sr. Salomão Sáffi

B. HORIZONTE — Da. Maria C. Medeiros

VARGINHA — Da. Labibe Murad

PRES. VENCESLAU — Da. Zélia P. Decco

Da. Lisete B. Rusante

PRES. PRUDENTE — Da. Josefa Arenales

Da. Nair Affonso

Da. Regina A. Silva

Da. Maria Affonso

Da. Benedita Medeiros

Sr. José M. Silveira

ÂLVARES MACHADO — Da. Isabel L. Fernandes

S. ANASTÁCIO — Da. Marcela F. Ozores

RANCHARIA — Da. Rosa Tamburi

BARRETOS — Da. Amélia F. Pedroso

Da. Nicolina Canonico

COLINA — Da. Maria Druli

Da. Helena J. Nogueira

Da. Joana Rodrigues

NATÉRCIA — Da. Catarina Ribeiro

ITAPEVA — Da. Josina V. Ferrári

BELO HORIZONTE — Da. Zulmira M. Pareira

LAGOA DA PRATA — Da. Maria R. Netto

S. A. DO MONTE — Da. Maria C. Silva

Da. Waldemira L. Conceição

Sr. José F. Andrade

Da. Amélia S. Andrade

DIVINÓPOLIS — Da. Rosinha Alvares

C. DO CAJURU — Da. Ana G. Fonseca

Da. Paulina A. Sousa

Da. Maria J. Camargo

ITAÚNA — Da. Maria Genoveva

PARÁ DE MINAS — Da. Conceição D. Mendonça

Da. Maria G. Pena

Da. Cecília Faria

Sr. José Raimundo

— Da. Carmen T. Mesquita

Da. Simeana Pompeia

Da. Carmen S. Sidney

Da. Judit C. Oliveira

OS NOIVOS

Esperem-me ao menos, para que eu também possa ir com vocês, esperem fazer uns quinze ou uns vinte, para me levarem junto, para eu não ser abandonado. Querem deixar-me em poder desses cachorros? Não sabem que na maioria eles são luteranos, que têm como obra meritória matar um sacerdote? Querem deixar-me aqui para receber a palma do martírio? Oh que gente! oh que gente!"

Mas a quem dizia êle essas coisas? A homens que passavam curvados sob o peso dos seus pobres haveres, pensando nos que deixavam em casa, tocando na frente as suas novilhas, levando atrás os filhos, sobrecarregados também até onde podiam, e as mulheres carregando no colo os que não podiam andar. Alguns seguiam o seu caminho sem responder nem olhar para cima; um ou outro dizia: "Eh meu senhor! faça também como pode; feliz do sr., que não tem que pensar na família; ajude-me, esforce-se".

"Oh pobre de mim!" exclamava Dom Abbondio; "oh que gente! que corações! Não há caridade: cada qual pensa só em si; e em ninguém quer pensar". E voltava em busca de Perpétua.

"Oh! a propósito!" disse-lhe esta, "e o dinheiro?"

"Como havemos de fazer?"

"Dê-me cá o dinheiro, que eu vou enterrá-lo aqui na horta de casa, junto com os talheres".

"Mas..."

"Mas, mas, dê cá; fique com alguma coisinha para o que der e vier, e depois deixe-me fazer como eu quero".

Dom Abbondio obedeceu, foi ao cofre, tirou o seu tesourinho e entregou-o a Perpétua, que disse: "Vou enterrá-lo na horta, ao pé da figueira"; e foi. Tornou a aparecer pouco depois, com um cesto onde havia munição de boca, e com um balaiozinho vazio; e pôs-se apressadamente a colocar-lhe no fundo um pouco de roupa branca sua e do patrão, dizendo enquanto isso: "Ao menos o breviário vosmecê mesmo há de levar".

"Mas para onde vamos?"

"Para onde é que vão todos os outros? Antes de tudo, vamos para a rua, e lá ouviremos o que se diz e veremos o que convém fazer".

Nesse momento entrou Inês com uma cestinha nas costas e com ares de quem vinha fazer uma proposta importante.

Resolvida também a não esperar por hóspedes daquela laia, sózinha em casa como estava, e ainda com um pouco daquele ouro dado pelo Inonimado, Inês tinha estado por algum tempo em dúvida sobre o lugar onde ir refugiar-se. O resto justamente daqueles escudos, que nos meses da fome lhe haviam feito tanto arranjo, eram a causa principal da sua angústia e irresolução, por já ter ouvido dizer que, nas terras já invadidas, os que tinham dinheiro tinham-se visto em mais terrível condição, expostos ao mesmo tempo à violência dos estrangeiros e às ciladas dos nativos. Verdade era que, do bem que, como se diz, lhe caíra do céu, ela não tinha feito confidência a ninguém afora Dom Abbondio, a quem, a cada vez que lá ia, pedia para trocar um escudo, deixando-lhe sempre alguma coisa para dar a alguém mais pobre do que ela. Mas os dinheiros escondidos, especialmente para quem não está acostumado a manejá-los em quantidade, mantêm o possuidor numa desconfiança contínua da desconfiança dos outros. Ora, enquanto ela ia escondendo do melhor modo, aqui e acolá, aquilo que não podia levar consigo, e pensava nos escudos que trazia cosidos ao corpete, lembrou-se de que, juntamente com êles, o Inonimado lhe enviara os mais

amplios oferecimentos de serviços; lembrou-se das coisas que tinha ouvido contar do castelo dele, situado em lugar tão seguro, e onde a contragosto do dono só podiam chegar as aves; e resolveu ir pedir asilo lá em cima. Pensou em como poderia reconhecer por aquele fidalgo, e logo se lembrou de Dom Abbondio; o qual, depois daquele tal colóquio com o arcebispo, sempre lhe tinha feito festa, e tanto mais de coração quanto podia fazê-lo sem se comprometer com ninguém, e quanto, estando longe os dois jovens, longe estava também a possibilidade de lhe ser feito um pedido que poria aquela benevolência em grande prova. Ela supôs que, numa tal balbúrdia, o pobre homem devia estar ainda mais atropelado e atemorizado do que ela, e que a solução poderia parecer muito boa também a êle; e vinha-lha propor. Achando-o com Perpétua, fez a proposta a ambos.

"Que diz a isto, Perpétua?" perguntou Dom Abbondio.

"Digo que é uma inspiração do céu, e que não se deve perder tempo, e, sim meter as pernas pelo caminho".

"E depois..."

"E depois, e depois, quando estivermos lá, estaremos bem satisfeitos. Aquele senhor sabe-se agora que não quer outra coisa senão prestar serviços ao próximo; e êle também ficará bem satisfeito de nos abrigar. Lá, na fronteira, e tão lá pelas alturas, soldado não há de ir, certamente. E depois, e depois, lá acharemos também de comer; porque, por aí acima pelos montes, acaba esta pouca mercê de Deus", e assim dizendo acomodava-a no balaio, por cima da roupa branca, "estaremos em maus lençóis".

"Convertido; êle está realmente convertido, hein?"

"Que há que duvidar ainda, depois de tudo o que se sabe, depois do que vosmecê mesmo também viu?"

"E se nós formos é nos meter na gaiola?"

"Que gaiola? Desculpe-me vosmecê, mas com todos êsses seus casos nunca se há de chegar a uma conclusão. Boa Inês! você teve mesmo um bom pensamento". E, pondo o balaio em cima de uma mesinha, passou os braços pelas correias e carregou-o nas costas.

"E não se poderia", disse Dom Abbondio, "achar um homem que viesse conosco, para fazer escolta ao seu cura? E se encontrarmos algum bandido, que infelizmente há vários por aí, que auxilio têm vocês duas para me dar?"

"Mais outra para perder tempo!" exclamou Perpétua. "Ir procurar agora um homem, quando cada qual tem de pensar na sua vida. Coragem, homem! vá buscar o breviário e o chapéu, e vamos!"

Dom Abbondio foi, e voltou dali a um momento com o breviário debaixo do braço, de chapéu na cabeça e de bordão na mão; e saíram os três por uma portinha que dava para a pracinha. Perpétua trancou a porta, mais por não desprezar uma formalidade do que por fé que tivesse naquela fechadura e naqueles batentes, e meteu a chave no bolso. Ao passar, Dom Abbondio deu uma olhada à igreja, e disse entre dentes: "O povo que a guarde, pois a êle é que ela serva. Se êles têm um pouco de amor à sua igreja, pensarão nela; mas, se não têm, tanto pior para êles".

Tomaram pelos campos, caladinhos, pensando cada um na sua vida e olhando em volta, especialmente Dom Abbondio, a ver se acaso aparecia alguma figura suspeita, algo de extraordinário. Não encontravam ninguém: a gente estava tôda ou nas casas, a guardá-las, a entrouxar, a esconder, ou pelos caminhos que conduziavam diretamente as alturas.

Depois de suspirar e de tornar a suspirar, e de deixar escapar algumas interjeições, começou Dom Abbondio a resmungar mais de seguida. Investia contra o duque de Nevers, que bem poderia ter ficado na França, divertindo-se, fazendo de príncipe, e no entanto queria ser duque de Mântua contra a vontade do mundo; investia contra o imperador, que deveria ter tido juízo pelos outros, deixar correr a água, não estar a se melindrar com tudo: porque, afinal de contas, êle seria sempre o imperador, fôsse duque de Mântua.

(Continua)



VISTA PANORÂMICA DE MANAUS, CAPITAL DO ESTADO DO AMAZONAS, situada à margem esquerda do rio Negro, a oito milhas da confluência dêste com o Amazonas. Cidade muito bonita, possui edifícios e estabelecimentos modernos, tendo progredido muito nos últimos anos. Seu pôrto interior, considerado um dos melhores da América do Sul, é o centro do distrito naval que compreende os Estados do Amazonas, Pará, Maranhão e Piauí. É servida por linhas de vapores diretas, que a ligam aos grandes portos dos países trans-oceânicos; sua principal fonte de riquezas é a borracha.

ANO LX

SÃO PAULO, 21 - IX - 1958

NÚMERO 35

ave
maria

Maria riqueza nossa

Nós viemos da Onipotência de Deus, nascidos dos imensos tesouros de suas riquezas. Feitos à imagem e semelhança do Altíssimo, trouxemos em nossos desejos e aspirações alguma coisa daquela imensidade sem limites, dos horizontes infinitos de esplendor e beleza.

Porisso, no íntimo de nosso coração, aspiramos aos tesouros. Desejamos os bens que nos cercassem, como uma moldura de felicidade, ainda mesmo nas provas do exílio e nos labores deste vale de lágrimas.

Pena é que nos enganemos tantas vezes, repondo em coisas perigosas e transeuntes, em ouropéis e lantejoulas corroidas, em dominações que perturbam os sentidos e as consciências, em prazeres superficiais e cheios de remorsos, o nosso bracejar pela ventura das riquezas.

* * *

Deus nada faz inútil ou estéril.

Tem profundo sentido, o gesto que levanta nossos pensamentos ao desejo de riqueza, num sonho de enriquecimento que floresça nosso coração venturoso.

Se quereis ser ricos, adverte São Gregório, amai as verdadeiras riquezas.

Não as percíveis, que deslumbram um momento os nossos olhos, mas que mergulham logo após na treva, prenhes de cuidados e de remorsos.

Buscai, sim, as que não perecem.

As que duram toda uma eternidade. E que, deveras, nos assemelham a Deus. Os tesouros do espírito.

* * *

Nossa pobreza, indigente e súplice, volta-se para o céu. Nós não temos, Deus tem. Somos pobres, os santos são ricos. Filhos necessitados, mas não órfãos. Temos uma Mãe Riqueza. Maria.

E nos voltamos para Ela, ansiosos de esperança.

Tôdas as nossas ambições podem ser satisfeitas, na riqueza oceânica da inesgotável grandeza da Mãe de Deus e Mãe Nossa.

* * *

Mãe, tudo nela é relativo ao Filho, aos filhos.

Sua Imaculada Conceição, em brilhos singulares; sua Maternidade Divina, privilégio único; sua Maternidade Espiritual, dom de bondade; sua Corredenção pia, dimensão de amor divinal; sua Mediação Onipotente, extensão de poder total, — tudo são privilégios de Maria, que sobem para sintonizar com a Realeza Divina de Jesus, e que transbordam depois sobre todos os corações, filhos necessitados, que demandam confiantes as riquezas da Mãe incomparável.

A Divindade de Jesus, Maria deve todos os seus privilégios formosos.

A nossa indigência também, que se Ela foi Mãe do Verbo Encarnado, é porque Ele veio para nos salvar e remir.

Nossa pobreza é que trouxe Jesus. E que enriqueceu Maria.

Temos, assim, um doce e suave direito de pedir-lhe daquilo que Ela ganhou por nossa causa...

* * *

Nossa Senhora não recusa.

Só não temos o que não pedimos.

Se somos pobres, de alma, de coração, de virtude e de méritos, é culpa nossa, porque não vamos buscar as fontes dadivosas de todos os tesouros.

Como Mãe Maria quer dar. Comunicar tudo. Ainda o que o Senhor lhe deu de mais íntimo e precioso. Mesmo os dons singulares, que A exornam, única entre todos os bem-aventurados.

Ela nos veste de sua Imaculada Conceição. Ela nos empresta seu Coração flamante. Oculta nossa miséria negra de orgulho, com a escumilha macia de sua humildade. Deus nos vê através da Perfeição, da Bondade, da Pureza, da Beleza espiritual de Nossa Mãe, que nos defende, e guarda, e nos escuda, ciosa dos que a Ela se entregam, na venturosa certeza de sua proteção e de seu amor.

Os tesouros da alma de Maria são riquezas nossas.

Na terra, entre serenidades confiantes de quem caminha amparado pela sua luz. No céu, entre deslumbramentos de quem se verá iluminado com os resplendores da mais Excelsa e Formosa de tôdas as Rainhas.

ESCREVEU

Antonio Maria Alves de Sousa
C. C. C.

À MARGEM DO EVANGELHO

FESTA DE SÃO MATEUS

(S. Mateus, IX, 9-13)

Tomemos a fita colocada pela Liturgia e abramos o missal. Eis que não topamos com o Evangelho do domingo. Uma festa o sobrepuja. É por isso que as linhas evangélicas nos colocam em contacto com a vocação de S. Mateus para um dos preferidos discípulos de Jesus.

Muito diverso é este eleito dos suados pescadores da Galiléia. Sentava-se no seu telônio. Telônio é a mesa onde se recebiam as rendas públicas. E S. Lucas diz expressamente que ele era publicano, ou seja, cobrador de impostos. Mexia, pois, com dinheiro. E os publicanos eram freqüentemente ricos, por vêzes fraudulentamente, o que tornara tãda a classe odiosa aos judeus.

No entanto, aquêlo homem com as mãos nas moedas seguiu a Jesus com a fidelidade instantânea de agulha que vai para o ímã. E sublinha S. Lucas: "deixando tudo".

Admirável Levi, futuro S. Mateus, como não te obcecou a riqueza? Como foi que antepuseste de longe o seguimento abnegado de Cristo ao serviço de Sua Majestade, o dinheiro? Teu procedimento não constitui a via comum dos mortais!

A seguir, o Evangelho alude a um banquete. Recorrendo outra vez às aclarações de S. Lucas, ficamos sabendo que Levi, logo depois de chamado, ofereceu um grande banquete a Jesus, a que concorreram em número considerável, é natural, os ex-colegas do novo discípulo, os publicanos. O radiante Levi considerou como subida distinção o poder cooperar com Jesus. Tanto que festejou o acontecimento com um notável banquete, cabendo ao Mestre, naturalmente, a presidência.

Entre nós, se Deus se digna chamar um menino para ser padre e continuar a obra de Jesus em prol das almas, a família revive a felicidade de S. Mateus. Nem todos os lares, porém, acolhem de igual maneira a novidade. Assustam-se e a repelem. Ambicionam para o filho carreiras mais emoluradas de honrarias terrenas, sobretudo mais promissoras pecuniariamente. Ah! Ganhar dinheiro a granel é bem preferível a acompanhar Jesus de mais perto! Acham que o pobre Levi se enganou, não soube escolher. Olhariam com olhos mais complacentes os pendores e habilidades do filho até para o futebol, porque com pontapés especiais poderá arrancar boladas da bola.

Naquele tempo, viu Jesus um homem, chamado Mateus, que estava sentado no telônio. E lhe disse: — "Segue-me". E, levantando-se, O seguiu.

E aconteceu que, estando Ele sentado à mesa, em casa, eis que vieram muitos publicanos e pecadores e se sentaram à mesa com Jesus e com seus discípulos.

Ora, vendo isto, os fariseus diziam aos discípulos dêle: — "Por que razão come o vosso Mestre com publicanos e pecadores?"

Mas Jesus, ouvindo-o, disse: — "Os sãos não necessitam de médico, mas sim os enfermos. Ide, pois, aprender o que significa: Quero misericórdia, e não sacrifício. Porquanto não vim chamar os justos, mas os pecadores.

No entanto, o sacerdócio é dos privilégios maiores que Deus pode conceder a seus filhos da terra. Levam nos gestos e nas palavras o poder de renovar aquêlo sacrifício sem par que de fato suspendeu ao alto a adoração e a reparação condignas da majestade de Deus! Participar do divino múnus de julgar e perdoar as almas! Reproduzir como um eco a verdadeira palavra de Jesus!

Mas, é verdade que tudo isso se localiza no âmbito sobrenatural. E nem todos possuem a luz da fé suficiente para enxergar além das materialidades que nos envolvem. Que Deus lhes dê a fé do tamanho de um grão de mostarda para transplantar da frente o obstáculo da vida material.

E, afinal, o padre não ocupa na sociedade um lugar apagado. Apesar da guerra dos inimigos, a classe sacerdotal católica é das mais instruídas e na cidade o padre é sempre um dos primeiros personagens.

Pe. ATHOS LUIS CUNHA, C.M.F.

Pela dilatação do reino de Deus

Celebrou-se no último domingo de julho em Presidente Venceslau a II.ª Concentração dos Círculos Católicos Japoneses "Estrêla da Manhã".

Nela tomaram parte mais de 600 moços japoneses e niseis que com denodo lutam pela difusão do catolicismo em meio a seus irmãos de raça.



A mesa que presidiu a importante Concentração

A assembléia foi presidida por S. Excia. Dom Lázaro Neves C.M., dd. Bispo Diocesano. Esteve também presente Dom Jaime Coelho, Bispo de Maringá, com os RR. PP. Inácio Takeuchi SJ, Pedro Paulo Koop MSC, João Maria Sasaki e Frei Xisto OFM, como representantes respectivamente do Emmo. Sr. Cardeal de São Paulo, de Dom Henrique Golland OFM, de Dom Geraldo Fernandes CMF e de Dom Hugo B. de Araujo. Salientaram-se igualmente nesta reunião diversos Vigários da redondeza, as Madres Benedictinas, tão relacionadas com o movimento católico da juventude japonesa e os diretores dos 27 Círculos "Ake no Hoshi" dos Estados de São Paulo e do Paraná, com seu digno Presidente Sr. Felix Okita, à frente.

Estudaram-se os meios de melhorar e ampliar a ação do movimento circulista — a necessidade da instituição de catecumenatos — a composição de um catecismo em moldes que falicitem aos nipões a inteligência das verdades sobrenaturais do cristianismo — a publicação de um manual de preces e cânticos próprios. Por fim foram estudadas as bases de Estatutos modelos tanto para fins religiosos, como civis; com isso os Círculos "Estrêla da Manhã" poderão obter personalidade jurídica perante a nação.

Tôda a concentração se desenvolveu envolta num ambiente de grande cordialidade cristã e de intenso entusiasmo apostólico.

A III.ª Concentração realizar-se-á no próximo ano, em julho, na cidade de Bauru. Faça Deus seja tão numerosa, próspera e fecunda como a de Presidente Venceslau.

● **MAGUNCIA, Alemanha (NC)** — Na missa rezada por ocasião do quadragésimo terceiro Congresso Internacional de Esperanto aqui realizado, pregou nessa língua sobre o tema "Deus e esta era atômica" o Rev. P. Ludwig Thalmai, da Alemanha. Estiveram presentes ao Congresso numerosos católicos do mundo inteiro.

● **VATICANO (NC)** — O cardeal Carlos Maria de la Torre, arcebispo de Quito, foi nomeado legado pontifício ao III Congresso Eucarístico Nacional do Equador, que se realizará em Guayaquil de 24 a 28 de setembro.

● **HAVANA (NC)** — Todos os Josés e Josefinas de Cuba contribuem para que se erga aqui no bairro operário de Luyanó, uma igreja ao seu padroeiro São José e uma escola gratuita anexa para os filhos dos operários. Inclusive os trabalhadores na obra — pedreiros, carpinteiros, eletricitas, pintores etc. — se chamam José.

● **CASTELGANDOLFO, (NC)** — Sua Santidade o Papa Pio XII recebeu aqui em audiência particular o rei Carlos Mutara III, monarca de Ruanda, na África Central.

Notícias Católicas

● **TREVISO, Itália (NC)** — A 18 de setembro comemora-se aqui o "Dia do Sacerdício" como homenagem no centenário da ordenação de um jovem de humilde origem camponesa desta diocese, José Sar-to, que no correr de sua vida foi pároco rural, professor de seminário, bispo, cardeal, Papa, e a quem hoje veneramos nos altares como São Pio X. Participa das celebrações o cardeal Angelo Roncalli, patriarca de Veneza.

● **DUSSELDORF, Alemanha (NC)** — A Juventude Católica Alemã entregou uns 65.500 dólares ao bispo de Amravati, Índia, Mons. José Alberto Rosário, para ajudá-lo na urgente empresa de converter a pequena clínica católica do lugar num hospital devidamente equipado. Os jovens alemães obtiveram os fundos, jejuando para economizar.

● **BRUXELAS (NC)** — O rei Baudoin da Bélgica outorgou a Ordem da Coroa a Mons. Joseph Hoster, vigário da catedral de Colônia, e ao Dr. Victor H. Elbern, professor de história da arte na Universidade de Bonn, em reconhecimento pelo seu trabalho no pavilhão Civitas Dei, sobre a apresentação de Cristo e sua imagem em diversas fases da cultura.

● **A BÍBLIA E O CATECISMO EM VASCO, Bilbao, Espanha (NC)** — A Santa Bíblia e o catecismo foram traduzidos para o vasco, uma das línguas mais difíceis do mundo ocidental.

A tradução da Bíblia é devida ao sacerdote jesuíta A. Olivade.

A antiga Vascônia, terra dos Vascos (Vasconços), compreende as províncias de Labourd, a Soule e a Baixa Navarra na França, atrás dos Pireneus.

Em tôdas essas paróquias a maioria dos fiéis fala somente o basco. Da edição da Bíblia venderam-se já 60.000 exemplares.

Ainda são desconhecidas as origens exatas do povo vasco, cujo idioma, um dos mais antigos do mundo, não tem relação alguma com os das regiões vizinhas nem com nenhuma linguagem conhecida. Sabe-se que abraçou o cristianismo desde o século V.

Negro, em demanda da vila de Mariuá (atual Barcelos), então capital da Capitania do Rio Negro, dispuzessem de um ponto de parada, de nova etapa nessa arriscada viagem fluvial — o Lugar da Barra, cuja população, ao findar o século XVIII, não seria superior a 500 habitantes.

Coube ao governador Lobo de Almeida descobrir as vantagens de sua posição geográfica, beneficiando o lugarejo com muitos melhoramentos. Em 1790, passou a ser a Vila da Barra do Rio Negro. Em 1804, tornou-se a capital da Capitania. Em 1848, recebeu o nome de Manaus e, quatro anos mais tarde, veio a tornar-se a capital da recém-criada Província do Amazonas (1852).

Seu crescimento, porém, foi muito lento. Por volta de 1840, teria pouco mais de 4.000 habitantes. Ao proclamar-se a República, sua população seria de uns 10.000 hab., quando Belém já possuía 60.000.

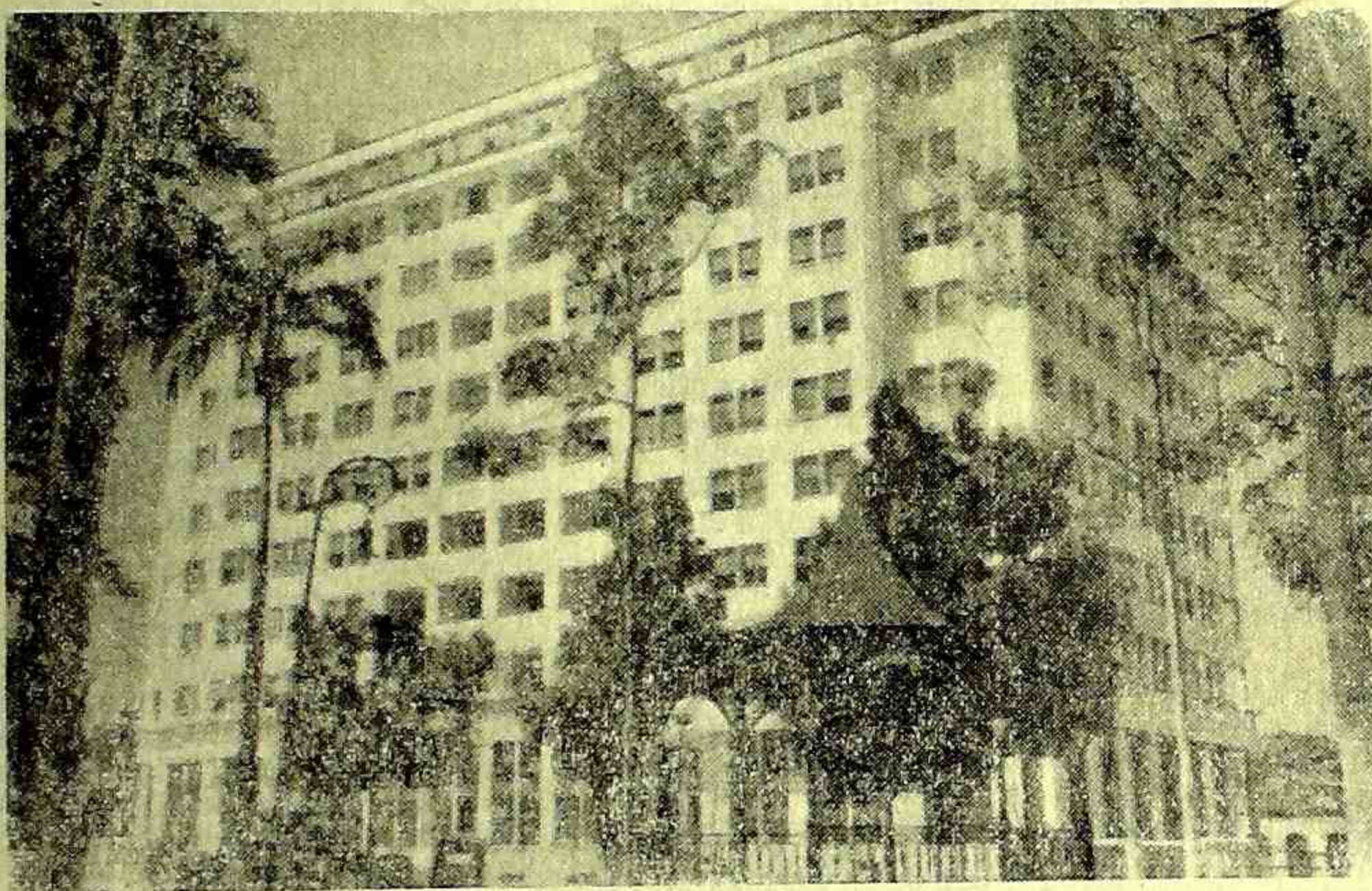
Foi a riqueza acumulada com o ciclo da borracha que lhe assegurou, nas duas primeiras décadas do século XX, dias de glória e de fastígio. Seu pôrto foi construído, abriram-se novas ruas, suas praças foram embelezadas, os igarapés urbanos viram-se saneados, construiu-se o grandioso Teatro Amazonas.

O censo de 1920 registrou uma população municipal de 75.000 habitantes. Foi o período áureo da vida de Manaus.

Com a decadência da borracha amazônica, tudo isso cessou e a cidade caiu num melancólico marasmo, embora não houvesse interrompido seu crescimento demográfico. O censo de 1940 acusou uma população municipal de 108.000 habitantes, ao passo que o de 1950 registrou 110.000.

A cidade de hoje guarda, em sua área central, as lembranças do seu passado de glórias. Umhas poucas construções modernas (como as do Hotel Amazonas e do IAPETEC) contrastam com o velho Teatro, a Catedral e os sobradões construídos no início do século. Seu pôrto não tem, nem de longe, o movimento registrado na fase áurea da borracha.

De qualquer forma, Manaus continua a simbolizar admiravelmente bem o que pode fazer o esforço humano na luta contra a natureza. Dentro da América do Sul, num raio de mais de 1.000 km, não existe outra cidade tão populosa. Cêrca de 100.000 brasileiros, isolados no meio de florestas e de rios, corporificam ali a nossa civilização. A cidade de Manaus é bem a rainha da selva amazônica.



MANAUS — Edifício do I.A.P.E.T.C.

Manaus é sede de arcebispado, instituída a 16 de fevereiro de 1952. A arquidiocese, que se estende por uma superfície de 495.271 km², com um total de mais de 335.980 habitantes omitidas especialmente por uns 80 sacerdotes, é atualmente dirigida por sua Excia. Revma. D. João de Souza Lima, dd. arcebispo metropolitano.

MUITOS, SOBRETUDO OS NÃO-CATÓLICOS, AFIRMAM: "TÔDAS AS RELIGIÕES SÃO BOAS"! MAS ISTO É UM ÉRRO PALMAR!

"Dizer, pois, como os espíritas, que tôdas as religiões são boas, que não é preciso seguir a mensagem de Cristo, que basta a caridade sômente, que tôdas as religiões levam, por diversos caminhos, para o mesmo fim, e outras frases semelhantes, é revoltar-se contra Deus e contra Cristo". É, pois, minha declarada opinião que nem tôdas as religiões são iguais, em essência, perante Deus e que não basta fazer a caridade, mas que é preciso seguir, em tudo, as determinações de Cristo, o Caminho, a Verdade e a Vida. Se Deus

estabeleceu positivamente meios de salvação, se prescreveu e indicou caminhos para chegar a Êle, se deu ordens expressas e bem determinadas, se fêz declarações terminantes neste sentido, como de fato fêz, então é justo e necessário que o homem obedeça e siga as prescrições divinas. Fazer e propagar o contrário, seria revolta aberta contra Deus. Esta, e não outra, é minha opinião.

Frei Boaventura, O.F.M.

Discurso de Mons. Fulton Sheen em Bruxelas

(Falou sobre a Coexistência na Verdade)

"A coexistência não supõe compromisso da verdade, senão caridade para com o próximo; não temos direitos sobre a verdade, que é de Deus. Por isso seremos intolerantes quanto aos princípios, e tolerantes para com as pessoas que não possuem a verdade".

Por dever de caridade, cabe ao fiel a tarefa primordial na conversão do próximo, declarou aqui o bispo auxiliar de Nova Iorque, Mons. Fulton J. Sheen.

O prelado, que é diretor nacional nos Estados Unidos, da Propagação da Fé, participou numa conferência das Jornadas Internacionais Católicas da Exposição Mundial de Bruxelas, a que assistiram dignitários eclesiásticos e dirigentes leigos de numerosos países.

Falou Mons. Sheen sobre a coexistência entre católicos e não católicos, referindo-se principalmente aos deveres de caridade que têm os primeiros em relação a pagãos, comunistas, ortodoxos, protestantes e judeus.

"A religião descansa sobre o fiel o peso da caridade e do entendimento", disse ao repelir a teoria, geralmente aceita, de que a consecução da Verdade é tarefa exclusiva dos que não a possuem, e que são os não católicos os que primeiramente devem vencer "a ignorância, a heresia, o cisma, o ódio e a intolerância".

Advertiu Mons. Sheen que sua proposição se referia ao âmbito da caridade, não ao dos princípios.

Devem os católicos adotar uma atitude de "coração aberto", prosseguiu; "reconhecer humildemente que possuem a verdade não por seus méritos, mas por que Deus lhes deu a plenitude da fé... (que) reconhece em toda religião sob o sol uma parte de certeza".

Disse em seguida que "devemos amar os comunistas e odiar o comunismo, como a Igreja odeia o pecado e se compadece dos pecadores".

Seguiremos o exemplo de Santo Estêvão no martírio, "amando os comunistas inclusive como perseguidores, porque Deus se vale deles mais que dos indiferentes, vomitados de sua boca porque não são nem frios nem quentes".

Odiar os comunistas seria multiplicar o ódio, prosseguiu Mons. Sheen. De coração aberto, porém, para com eles, podemos ser novamente apóstolos, reavivar nosso zelo esfriado. Diz-nos por isso o Senhor, que ofereçamos a outra face... A Igreja assim o faz ao apurar o ódio comunista e responder com amor à perseguição.

Há centenas de milhões de ortodoxos cujos antepassados pertenceram à Igreja, recordou o bispo em outro ponto do seu discurso.

Não esqueçamos os milhares de clérigos russos que sofreram o martírio por suas crenças durante a revolução bolchevista, os milhões de fiéis ortodoxos enviados à Sibéria pelo "crime" de crer em Deus.

Mons. Sheen disse também que séculos antes da definição do Dogma ergueram na Rússia uma igreja da Assunção da Virgem. "Como não levar isto em conta — perguntou — e que no mesmo Kremlin há uma capela mariana, agora fechada?"

Temos também deveres de caridade para com os protestantes, explicou em seguida o prelado norte-americano. "Como católicos temos de admitir que há quatro séculos fazia falta uma reforma porque declinava o espírito cristão entre o clero e os fiéis. A reforma era necessária mas os re-

formadores se equivocaram deixaram a Igreja rompendo a unidade cristã. O protestantismo é, pois, de certo modo, resultado de nossas próprias obras, processo e castigo divino por faltarmos ao Senhor.

Falou em seguida Mons. Sheen sobre os judeus, aos quais nenhum crente, disse, "deve culpar de ter pregado Cristo na Cruz, porque Nosso Senhor advertiu que seria entregue "a mãos gentias" para que o crucificassem". Nenhum ser humano, até mesmo budista ou comunista — prosseguiu — "pode considerar-se inocente do sangue derramado pelo Redentor".

Os católicos estamos intimamente ligados aos judeus, "pois somos, como disse S.S. o Papa Pio XII, "semitas de espírito" e realizamos na missa o sacrifício de Abraão, pai nosso e pai deles".

Dedicou Mons. Sheen a última parte do discurso a expor o dever dos católicos para com os mil e quinhentos milhões de pagãos do mundo inteiro. Afirmou que o crente deve comunicar-lhes "a verdade histórica de que não é o homem que vai a Deus, mas Deus quem primeiro vem ao homem para perdoá-lo e infundir-lhe o seu espírito". O mundo oriental, como gigante, desperta do seu sono de séculos, continuou. Dentro de século e meio a África terá alcançado um desenvolvimento econômico e industrial comparável ao atual dos Estados Unidos.

Em meio a esta evolução colossal e dos conflitos do mundo moderno, somos, os crentes, que temos de nos sentir obrigados, responsáveis, em caridade, para com as terras de missão, afirmou Mons. Sheen.

"Deus fixa um limite ao destino dos povos e os ocidentais parecem tê-lo alcançado".

sam e perante Deus que ama, é a união de seus filhos na verdade e na fraternidade do amor.

ORGANIZAÇÕES DO MOMENTO

Lembramos que recebem bençãos especiais da diocese quinzenária, não só as antigas associações religiosas que tanto bem espalharam e espalham ainda, mas, sobretudo, as novas organizações, tão encomiadas pela Igreja, que tem métodos novos de trabalhos, heróicos às vezes: Legião de Maria, Cristóforos, Equipés de casas, a FAC, Movimento do Mundo Melhor, a JOC, SAC, JEC e

demais ramos da Ação Católica, entre as quais, é de justiça colocar os velhos e sempre novos Vicentinos; que sendo fiéis ao seu espírito, realizam uma das grandes missões da Igreja, em benefício dos filhos prediletos de Jesus, os nossos queridos pobres, os abandonados do mundo.

E NÃO TENHAMOS MEDO

Sacerdotes e fiéis, não tenhamos medo da força do comunismo e de outras ideologias organizadas e ativas. Tenhamos medo, sim, e vergonha da fraqueza, não do ca-

tolocismo, mas do nosso catolicismo, quando não vibra por Cristo, quando não ouve nem respeita a hierarquia, quando não ama as almas, nem se interessa pelos irmãos.

Semeemos, por todos os sulcos da existência, o respeito e a união, a humildade e o entusiasmo, mas, sobretudo, sim, sobretudo, a justiça e o amor. Então, como dizia S. João da Cruz, colheremos respeito, união, humildade, entusiasmo, justiça e amor. E de que precisaremos mais para vencer? Cristo Jesus estará conosco. E Ele repetirá: "Eu venci o mundo" (Jo, 16, 33).



Privilegiado de Deus



Nessa família piedosa cresciam os filhos no santo amor e temor de Deus, mantido pela oração quase contínua e pela leitura das vidas dos santos e outros livros espirituais, lidos à noite após a ceia por João Claret a toda a família reunida.

Era após essa leitura e essas orações da noite que as crianças iam para o leito com a mente pura cheia de santos pensamentos. Mas, o pequenino Antônio com cinco anos apenas já pensava seriamente as idéias-mestras da sua vida. Pensava na eternidade, pensava naquele sempre! sempre! sempre! Imaginava distâncias enormes, às quais acrescentava outras e outras, e, ao ver que não chegava ao fim, estremecia-se e pensava: os que tiverem a infelicidade de ir à eternidade de que penas, jamais acabarão de sofrer, jamais acabarão de penar? Esse pensamento o assaltava também durante o dia. Ao ouvir o pêndulo do relógio, parecia-lhe que a oscilação repetia: sempre! sempre!

Muitos anos mais tarde, já Arcebispo, êles escreverá: "Esta idéia da eternidade das penas do inferno que começou em mim desde os cinco anos muitovívida e que, cada vez mais, tenho tido presente e que com a graça de Deus, nunca esquecerei é a mola secreta e o incentivo do meu zelo pela salvação das almas".

Permanecia freqüentemente imóvel diante de Jesus Sacramentado, invejando a sorte dos que podiam comungar. Com a idade de dez anos, fez a primeira Comunhão, sentindo já as doçuras eucarísticas que haveriam de caracterizar a sua vida até tornar-se o sacrário vivo e permanente nos últimos nove anos da sua vida.

D. Geraldo Fernandes C.M.F.
Bispo de Londrina

Pedimos a quantos nos enviam donativos para as Vocações Sacerdotais Claretianas, que nos indiquem seu endereço completo para nosso particular agradecimento.

ITAPETININGA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret ter sarado de um mal na boca que muito me fazia sofrer. Sarei completamente e agradecida ao Pe. Claret vou comungar durante um ano em seu louvor e principio hoje a formação de uma bolsa de estudos em favor de um seminarista claretiano. Margarida Frânci Trevisani.

DESCALVADO — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret a saúde de meus tios Antônio e José. Maria Arandy Augusto.

— Agradeço a Santo Antônio Maria Claret os favores que tem concedido à minha família. Ermelinda Giangola.

ECHAPORÁ — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret a graça obtida em favor de meu filho. Izabel Álvares.

BOCAINA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret diversas graças em meu favor e em favor de meu filho. Salomão Saffi.

LAGOA DA PRATA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret ter sido feliz na operação. Maricas Bernardes de Castro.

— Agradeço a Santo Antônio Maria Claret duas graças em favor de minha mãe e de minha filha. Rosa Rezende Bernardes.

PARÁ DE MINAS — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret graças em favor da saúde de Maria Gabriela Marinho. Maria Conceição Esteves.

PITANGUI — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret ter sido feliz numa operação. Uma devota do Pe. Claret.

ARAXÁ — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret o bom resultado de minha sobrinha nos estudos. Altair Tito.

BROTAS — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret favores obtidos por sua intercessão. Dr. José Waldemar Gamba.

ARIRANHA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret uma grande graça a favor de minha irmã Edviges. Euridice Galbiatti.

SALTO — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret importante graça obtida por sua intercessão. Maria Adail Appendino.

ITAJAÍ — Agradecemos a Santo Antônio Maria Claret a cura de d. Alcina S. Brandão. Seus filhos.

ITATIBA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret ter me valido nas duas vezes que o invoquei em favor de meu filho, em momentos de perigo. Beatriz Deiroz Búfalo.

ITAPIRA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret o resultado de um ótimo exame médico a que se submeteu meu filho. Devota.

BELO HORIZONTE — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret o bom resultado obtido por meu filho nos exames e peço-lhe continue animado nos estudos. Clarice Pereira Coelho.

PIRACICABA — Agradecemos a Santo Antônio Maria Claret importante graça. Branca Tereza Morétti e Jocelina Morétti Amaral.

PINDAMONHANGABA — Necessitando submeter-me a uma intervenção cirúrgica e temendo as consequências devido a pressão alta recorri a Santo Antônio Maria Claret e tudo correu normalmente. Tereza Pereira Rosa.

— Agradeço a Santo Antônio Maria Claret graças em favor de meu irmão Edir Alves. Tereziinha Alves.

Por ocasião da festa do Imaculado Coração de Maria, (22 de agosto), recebemos donativos de muitas pessoas que começam a ajudar com "sua contribuição permanente" as Vocações Sacerdotais Claretianas.

Agradecidos, pedimos ao mesmo Imaculado Coração que abençoe copiosamente a todos aqueles que com suas preces e esmolas auxiliam a formação dos seus Missionários Cordimarianos.

Pe. José de Matos Pereira CMF — Caixa Postal, 615 — São Paulo

OS NOIVOS

tua Pedro, Sancho ou Martinho. Investia principalmente contra o governador, a quem competiria fazer tudo para manter afastados do país os flagelos, e no entanto era ele quem os atraía: tudo pelo gosto de fazer guerra. Dizia êle: "Era preciso que êsses senhores estivessem aqui para ver, para provar que gosto tem isso. Boas contas têm êles a dar. Mas, até lá, sofre as consequências quem não tem culpa".

"Deixe pra lá essa gente, que já não são êles que virão nos ajudar", dizia Perpétua. "Desculpe-me vosmecê, mas êstes são desses seus falatórios costumeiros que não dão em nada. Muito antes, o que me causa aborrecimento..."

"Que é?"

Perpétua, que naquele pedaço de caminho tinha pensado com vagar no escondimento feito a toda pressa, começou a lamentar-se de se haver esquecido de tal coisa, de haver escondido mal tal outra; aqui, de ter deixado um vestígio que podia guiar os ladrões, ali...

"Bonito!" disse Dom Abbondio, já agora bastante seguro da vida para poder angustiar-se com os naves: "bonito! que bonito fez você! E onde estava com a cabeça?"

"Como?" exclamou Perpétua, estacando um momento e pondo os punhos nas ilhargas, da maneira como lhe permitia o balaio: "como? quer vir agora fazer-me destar censuras, quando era vosmecê mesmo quem me fazia perder a cabeça, em vez de me ajudar e de me dar coragem? Eu pensei talvez mais nas coisas de casa do que nas minhas; não tive quem me desse uma mão; tive de fazer de Marta e de Maria; se alguma coisa sair mal, nada tenho a me dizer: fiz mais do que devia".

Inês interrompia essas rixas entrando também a falar das suas aflições; e não se lamentava tanto do seu incômodo e do seu prejuízo como de ver desvanecida a esperança de tornar a abraçar em breve a sua Luzia; porquanto, se estão lembrados, estava-se justamente naquele outono em que elas tinham combinado encontrar-se: nem era de supor que Dona Praxedes quisesse vir fazer a sua vilegiatura para aquêles lados, em tais circunstâncias; antes sairia deles, se neles se achasse, como faziam todos os outros nas mesmas condições.

A vista dos lugares tornava ainda mais vivos êsses pensamentos de Inês e mais pungente o seu desgosto. Saindo das veredas, haviam êles tomado a estrada pública, aquela mesma pela qual a pobre mulher tinha vindo reconduzindo para casa, por tão pouco tempo, a filha, depois de haver passado dias com ela em casa do alfaiate. E já se via a aldeia.

"Faremos bem em cumprimentar aquela boa gente", disse Inês.

"E também em descansar um pouquinho, porque estou começando a me fartar deste balaio; e, depois, para comer um pouco", disse Perpétua.

"Com a condição de não perdermos tempo; porque não estamos em viagem de divertimento". concluiu Dom Abbondio.

Foram recebidos de braços abertos e vistos com grande prazer: êles evocaram a lembrança de uma boa ação. Fazer bem a quanto mais gente puderdes, diz aqui o nosso autor; e tanto mais a miúdo vos sucederá encontrardes rostos que vos causem alegria.

Ao abraçar a boa mulher, Inês desatou num pranto desfeito, que lhe foi de grande alívio; e com soluços respondia às perguntas que ela e o marido lhe faziam sobre Luzia.

"Está melhor do que nós", disse Dom Abbondio: "está em Milão, fora dos perigos, longe destas diabruras".

"Estão fugindo, hein? o sr. e a comitiva?" disse o alfaiate.

"Certamente", responderam a uma voz o patrão e a serva.

"Lamento muito".

"Estamos de caminho para o castelo de ***", disse Dom Abbondio.

"Pensaram bem: lá ficam seguros como na igreja".

"E aqui não têm medo?" perguntou Dom Abbondio.

"Direi, sr. cura: propriamente em *ospitazione*, como o sr. sabe que se diz em boa linguagem, aqui não deverão vir êsses alemães; estamos fora de mais do caminho dêles, graças ao céu, quando muito, alguma fugidinha por cá, que Deus não permita; mas, em todo caso, há tempo; hão de ouvir primeiro outras notícias das pobres terras onde êles irão estagiar".

Combinou-se ficar ali por um pouco a tomar fôlego; e, como era a hora do jantar, disse o alfaiate: "Os srs. devem honrar a minha pobre mesa; com simplicidade; haverá um prato de cordialidade".

Perpétua disse que trazia consigo alguma coisa com que quebrar o jejum. Ao cabo de um pouco de cerimônia de ambas as partes, conveio, como se diz, em unir as panelas, e em jantar juntos.

Os meninos haviam-se posto, com grande festa, em torno de Inês, sua amiga velha. Depressa, depressa, o alfaiate ordenou a uma das meninas (aquela que tinha levado aquele farnel a Maria viúva: quem sabe se ainda se lembram?) que fosse descascar quatro castanhas temporãs que estavam escondidas num cantinho, e as pusesse para assar.

"E tu", disse êle a um dos meninos, "vai à horta, dá uma sacudidela no pecigueiro para fazer cair quatro pécegos, e traze-os aqui: todos hein? vê lá! E tu", disse a outro, "vai à figueira colher quatro figos dos mais maduros. Os dois já conhecem até demais êsse mîster". Êle, por seu turno, foi abrir um barrilote; a mulher foi buscar um pouco de roupa de mesa. Perpétua tirou fora as provisões; foi posta a mesa: um guardanapo e um prato de maiôlica no lugar de honra, para Dom Abbondio, com um talher que Perpétua tinha no balaio. Amesendaram-se, e jantaram, senão com grande alegria, pelo menos com muito mais do que qualquer dos comensais esperasse ter naquele dia.

"Que diz, sr. cura, de um transtôrno desta espécie?" disse o alfaiate; "a mim me parece estar lendo a história dos mouros na França".

"Que posso eu dizer? Havia-me de cair em cima mais esta!"

"Todavia, escolheram um bom refugio", continuou aquele; "que diabo há de ir lá em cima por força? E, depois, os srs. acharão companhia: porque já se tem ouvido dizer que lá se tem refugiado muita gente, e que a toda hora chega mais". Ao que Dom Abbondio respondeu:

"Quero esperar que seremos bem acolhidos. Conheço aquele bom senhor; e, quando da outra vez tive a honra de estar com êle, êle foi tão amável!"

"E a mim", disse Inês, "êle mandou dizer pelo ilustríssimo Monsenhor que, quando precisasse de alguma coisa, bastava ir procurá-lo".

"Que bela conversão!" replicou Dom Abbondio; "e êle persiste, não é verdade; persiste?"

O alfaiate pôs-se a falar extensamente da santa vida do Inominado, e de como, de flagelo que era dos arredores, tornara-se êle o exemplo e o benfeitor.

"E aquela gente que êle mantinha consigo?... toda aquela criadagem?..." perguntou Dom Abbondio, que mais de uma vez tinha ouvido dizer qualquer coisa sobre isso, mas nunca ficava bastante tranqüilo a respeito.

(Continua)